

Íntimo e Pessoal:

A agenda como um espaço de constituição de si

Mariane Werner Zen¹

Datada desde meados do século XIX, a prática de escrever e manter diários íntimos, mesmo tendo passado por mudanças dadas às transformações sociais e culturais ocorridas, ainda continua presente nos dias atuais. Comumente visto como uma prática de escrita pessoal feminina presente na adolescência, o diário íntimo - de um espaço de controle familiar, formação de conduta e “espera para o matrimônio”² - popularizou-se e ganhou um papel transcendental. Tornou-se, ao mesmo tempo, um lugar de refúgio e uma via de escape, adquirindo status de suporte de uma escrita pessoal sem o intuito de comunicar a alguém, mas com o objetivo de registro de memórias e de comunicação consigo próprio. “Praticados na intimidade, onde é possível estar emocionalmente nu e formalmente decomposto, o diário procede de um reconhecimento de si pela escrita, que efetuada em solidão, faz crer que quando alguém fala/escreve sobre si mesmo tende a ser mais sincero do que quando se dirige a outrem”³.

Uma pessoa com o hábito de manter diários íntimos, além de registrar o passar dos seus dias, pode transcrever também máximas conhecidas, trechos literários, versos de canções, entre outras coisas, com o objetivo de ilustrar situações vividas, dar uma explicação que considere coerente para fatos acontecidos, ou ainda expressar opinião sobre outras leituras. É justamente nesse momento, onde o escritor combina sua vivência com os enunciados de outros autores, que se dá o papel dos *hypomnemata*, que “é permitir a constituição de si a partir da recolha do discurso dos outros.”⁴

Foucault apresenta a definição de *hypomnemata* como “[...] uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas [...]”⁵. Fica claro que “o papel da escrita é constituir (...) um ‘corpo’, (...) não como um corpo de doutrina, mas sim (...) como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade”⁶.

Os livros de contabilidade, cadernos pessoais, agendas, diários são alguns exemplos de espaços gráficos, de suportes, para esse tipo de escrita. Mas Foucault aponta que “o essencial é que ele [aquele que escreve] possa considerar a frase escolhida como uma máxima verdadeira naquilo que afirma, conveniente naquilo que prescreve, útil em função das circunstâncias [em que se encontra].”⁷

Alberca⁸ sugere que ao ler diários convém não ignorar algumas de suas particularidades ou dificuldades de leitura para não chegar a conclusões errôneas: a) são discursos descontextualizados sobre o eu; b) se estendem sobre sentimentos, reações, sobre as conseqüências, omitindo freqüentemente suas causas; c) são monotemáticos, “omitem [...] tudo o que não tem que aparecer, para focalizar e iluminar o centro de suas preocupações”; d) apresentam banalidades: relações de feitos e dados que cifram ou escondem “verdadeiros interesses sem dar pistas aos demais”, também apresentam elementos e pequenas recordações que evocam diretamente o que não se denomina nem se quer denominar.

Pautada nas orientações prescritas por Alberca, bem como no papel dos *hypomnemata* explicado por Foucault, observo nas agendas de uma amiga de infância a materialidade do suporte, os elementos de recordação que são mantidos, a regularidade no tempo investido para escrever, o domínio da escrita propriamente dita, e as manifestações descritas especialmente na data de seu aniversário, dados que contribuem para análise de uma materialidade e para um estudo sobre a constituição de si.

1992 – 15 anos - Inicia sua “prática diarística”, possuir e manter uma agenda era sinal de que não se era mais criança. A agenda deste ano é parte da coleção da grife carioca “bee Brasil”, muito admirada (e cobiçada) pelas garotas neste ano. Como cita Ramos⁹ “o desejo que antecede esse [...] exercício de escrita, de certo modo narcísico e metalingüístico, manifesta-se em um peculiar espaço textual e é o mesmo que motiva as garotas a consumir jeans, camisetas, tops, tênis e mochilas, que explicitam o status, perante o grupo social, no uso de certas grifes da moda.”

Há vários elementos de recordação dispostos pela agenda, de guardanapos e embalagens de chicletes a cartões e ingressos. Nem sempre há a descrição do motivo daquele objeto estar onde foi colocado. “[...] esse nem tão obscuro objeto [a agenda] passa a ser extensão do corpo num ir e vir diário, em espaços públicos e privados, transformando-se num depósito de recados, adesivos, [...] palavras e frases multicores numa exposição de criatividade em torno de nomes e especificações aparentemente inúteis.”¹⁰ É o início do uso do jargão *bom pra colocar na agenda*.

Há uma regularidade “religiosamente” marcada no tempo investido para escrever. Todos os dias dessa agenda estão preenchidos. Parece que o fato de uma agenda ser um suporte com cada dia delimitado em uma página, há a “exigência” que a autora os preencha, mesmo que seja com uma frase, um pensamento, uma figura, um *hypomnemata*.

No início do ano, tanto a grafia quanto o conteúdo dos textos denotam simplicidade, uma redação sem sofisticação. Com o passar do tempo percebe-se uma mudança na grafia, na qualidade das ilustrações, nos códigos e na redação dos temas. Os textos ganham mais conteúdo, preenchem todo o corpo da página, embora as temáticas se mantenham: descrição do dia com sua respectiva qualificação, amigos e amigas, escola, rapazes, roupa, trabalhos em casa, família.

No dia de seu aniversário de 15 anos, ela não descreve em nenhum momento sua sensação de estar completando esta determinada idade, ou um comentário sobre si mesma. Ela traduziu esse momento como uma idade de deixar a “pureza”. Para a festa, convidou as amigas a se travestirem de prostitutas enquanto ela se vestiu de “santa”. Na agenda, a descrição limita-se a quem veio e quais presentes ganhou.

Os *hypomnemata* são inúmeros nessa agenda. Muitos deles são referentes à amizade, ao sexo e à vida, mas nesta agenda a autora os usa na maioria das vezes como citação. São raras as páginas que não apresentam *hypomnemata*, eis alguns exemplos:

Amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito... (Milton Nascimento) (03/04/92)
A vida é aquilo que acontece enquanto você fica aí fazendo planos. (John Lenon) (20/02/92)
Nunca penso no futuro. Ele chega depressa demais. (Einstein) (18/03/92)

Peregrinar pelas páginas do diário de uma adolescente de quinze anos é como percorrer uma imensidão de sentimentos que ora emergem como uma explosão, ora aparecem escondidos em meias palavras. É também andar por um suporte com mudanças gradativas, mudanças de um traçado na escrita, mudanças de um uso do espaço, mudanças sutis compondo a constituição de si...

1995 – 18 anos - Semelhante ao ano descrito anteriormente, opta mais uma vez por uma agenda de marca importante no meio jovem, a grife Benetton. Suas páginas têm uma dimensão maior. Na capa dessa agenda ela faz interferências pessoais, colando figuras e um verso de uma canção de Cazuza que diz “E por você eu largo tudo, carreira, dinheiro, canudo...”. Também encapa a agenda no intuito de assegurar sua durabilidade.

Essa agenda foi adquirida depois do início do ano, mas todos os dias anteriores à compra estão minuciosamente preenchidos e ilustrados, como se os acontecimentos desses dias estivessem escritos em outro lugar “aguardando” sua inserção no espaço gráfico “adequado”.

Esta agenda está igualmente repleta de elementos de recordação. Como afirma Perrot¹¹, *mil nada*s povoam as páginas desse suporte, ou, como nas palavras de Bosi¹², a agenda está repleta de *objetos biográficos* que ilustram e contam sua(s) história(s), são objetos que “se envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida. Representam uma experiência de vida e uma aventura vivida do dono.”

O hábito de “diarista”¹³ mantém-se disciplinarmente, são raros os dias sem comentários. Continua descrevendo os dias, o que aconteceu, quem viu, o que leu, o que assistiu na TV, o que fez em casa, no trabalho, no cursinho. Não segue um roteiro nessas descrições, embora reapareçam sempre que há algo novo nessas temáticas que chama sua atenção.

Mas, diferente da agenda observada anteriormente, nesta a autora já discute, disserta, sobre os fatos que se apresentam em sua vida, suas leituras, suas observações acerca de filmes, de fatos que fazem notícia. A autora expressa mais vezes sua opinião sobre o vivido,

o lido, feito. A construção de si torna-se mais visível, menos enigmática, revela-se o papel dos *hypomnemata*.

No final do ano, num aparente exercício para entender algumas faltas na agenda, comenta: *Faz quatro dias que não escrevo na agenda. Quando quero fugir de mim mesmo ou parar de pensar acho que faço isso. (12/12/95)*. O fato de não ter escrito algumas vezes é descrito pela autora como uma indicação de fuga de si mesma, como um parar de pensar. Essa observação torna-se um exemplo ímpar de “função” da escrita pessoal. Numa tentativa de descrição de si própria, a autora considera as palavras um *refúgio de si*¹⁴. Refugiar-se na escrita pessoal implica em pensar, pensar o próprio eu, descrever-se, subjetivar-se. Negá-la implicaria em “fugir-se”.

Na descrição de seu aniversário de 18 anos há uma figura da Estátua da Liberdade ilustrando o dia tão esperado pelo adolescente brasileiro. Continua descrevendo o que fez no dia e os presentes que ganhou, mas já escreve o que outros pensam dela e o que ela pensa sobre isso. A letra já tem um traçado bem diferente das inscrições feitas na agenda de 1992. Algumas passagens desse dia quase não podem ser lidas, ora pelo tamanho da letra, ora por interferências das ilustrações.

Um recorte de revista colado no mesmo dia (12/10/1995) enuncia um significado de completar de 18 anos. Um *hypomnemata* ao qual provavelmente atribui concordância: *18 anos. Que data bonita! Fazer 18 anos dá a sensação de começar uma nova fase: mais madura, mais equilibrada. O desafio do novo enche a gente de disposição, de curiosidade, de saudável espírito criativo.*

Páginas e páginas se sucedem com descrições minuciosas dos dias que se passam. Sua escrita pessoal ganha nuances mais nítidas, constatações sobre si e sua vida são traçadas com mais clareza.

1997 – 20 anos - O suporte continua sendo de grife – Fórum. Tem um tamanho pequeno, a configuração das folhas é bem menor que da agenda de 1995. A capa preta, limpa, encapada com plástico transparente para garantir o fôlego de um novo ano, mas sem adereços, parece demonstrar menos tempo dedicado à agenda. No entanto, recortes de

anjos e de diabinhos ilustram uma das contracapas. Harmonicamente dispostos ao redor do dizer que foi cuidadosamente recortado e colado, definindo o espaço: *AGENDA - ATITUDE, IDÉIAS E MAU COMPORTAMENTO*.

No canto da página, quase como a assinatura de um artista que nomeia sua obra, encontra-se uma pequena foto do rosto da autora. Diferente da atitude encontrada nas outras agendas, nessa ela se mostra. Apresenta várias vezes sua figura própria, muitas fotos de si mesma anunciam que aquilo é mesmo uma construção de si: um sujeito de corpo e subjetividade.

Os elementos de recordação já não são muitos, se resumem mais em cartões, e-mails impressos e colados, bilhetes e fotos. A agenda não chega a “se deformar” com a quantidade de objetos como acontecia anteriormente. Os detalhes artísticos continuam presentes, embora em menor número, são agora mais elaborados e contextualizados. A presença de *hypomnemata* também fica clara acompanhando os relatos.

Começa a apresentar menor regularidade no tempo investido para escrever. Há dias, quase meses, seguidos sem nenhuma inscrição, de repente a autora parece tomada por um ímpeto e mais uma vez os dias se enchem. Seria o início do uso da Internet um dos fatores para diminuir a regularidade da escrita na agenda? Ou o início de um namoro mais sério? Não se pode deixar de perceber a presença de alguns e-mails recortados e colados na agenda, o que denota o uso deste meio pela autora. Alberca¹⁵, no estudo de um caso de diário pessoal, aponta a falta do domínio de linguagem, ou de disciplina para escrever, para justificar a pouca regularidade no tempo de escrita de um determinado diário. Diferente deste caso, no qual a autora tem um domínio bastante grande da linguagem e já mantinha um hábito disciplinar de “diarista”. Fica a questão em aberto do motivo da diminuição da regularidade que mantivera outrora.

A escrita tem menos detalhes, apresenta-se de forma mais reduzida, sucinta, mas não deixa de contar tudo o que aconteceu no decorrer do dia. Ao contrário, os registros contemplam todos os períodos. A temática se mantém: descrição do dia, encontros, saídas com amigos, estudo, família, filmes.

Quando completa 20 anos, reflete sobre si, sobre o envelhecer. A rotina do dia continua ali, mas diferente dos outros aniversários observados onde ela só comentava a parte da festa, dos presentes e dos convidados. Tem-se a impressão que comemorar essa data deixou de ser um evento à parte, integrando-se a paisagem do dia.

Responsabilidades diferentes aparecem registradas na agenda de 1997. Novos espaços de lazer, novo ambiente de estudo, nova moradia. Novas relações, novos medos. O cenário é outro, a personagem algumas vezes também. Mas o ser que habita as poucas páginas desse diário de 1997 carrega consigo imagens e construções gentilmente desenhadas e arquitetadas nos suportes que o antecederam. Uma menina que se escreveu, uma mulher que se escreve, se mostra, se diz.

Considerações Finais

A leitura e análise de diários íntimos não devem ser concluídas como definitivas. Diários são como determinadas pessoas vivem o seu cotidiano, uma crônica do dia-a-dia, da rotina, dos escassos acontecimentos que a alteram, mas isso não quer dizer que sua informação seja histórica, nem completa. Porque diários são escritas auto-representativas e há um encaixe social contraditório: uma prática pessoal com medo da opinião externa.¹⁶

Análises de escritas pessoais ultrapassam o campo da curiosidade pela vida alheia, da nostalgia e do folclórico, encaminhando-se para campos de estudos sociológicos, psicológicos, históricos e literários. “Penetrar” nas memórias de outrem, observar seu conteúdo e forma, desvendar o mundo de um diário pessoal implica em ver seu autor por dentro, em ler sua constituição, suas formas de subjetivação. Em ler as palavras sutilmente escolhidas para constituir-se.

Dos diários observados, muitas outras análises poderiam ser feitas além do estudo do suporte e da constituição de si. Enfim, ter diários pessoais em mãos é como ter fonte preciosa de pesquisa e estudo. Mas faz-se necessário problematizá-los, desviando-os do caráter de informalidade, imprecisão e romantismo.

Para concluir, acredito que nada seria mais revelador e oportuno que as próprias palavras da autora das agendas aqui analisadas. Escreveu em seu diário de 1997, na outra contracapa, uma reflexão sobre a prática de escrever sobre si:

Porque anotar os acontecimentos da vida em um pequeno caderno? Gastar tempo recortando e colando gravuras que achou bonito, interessante e gostaria de guardar em algum cantinho especial? Por que correr o risco de ter os sentimentos mais puros e outros tão sujos expostos a um curioso que burlou a lei de confidencial? Por que escrever o que sente nas horas mais tristes, a dor da traição, a insegurança que acomete todos os jovens, os temores, as angústias? E por que registrar o primeiro gole de Tequila, um beijo ardente, um amigo novo na Internet, aquela força recebida de uma amiga, um bilhetinho “estamos com saudades” que ganhou da família? Eu pergunto: **E por que não?!!** Cada época da vida temos um modo diferente de pensar, cada dia que nasce traz junto um novo momento. Sendo triste ou não, merece ser registrado nesse grande livro que é nossa surpreendente vida. (13/07/1997 – grifos dela).

Aberca¹⁷, quando conclui seu texto sobre diários pessoais, revela o seguinte: “...me desejaria tê-los despertado a curiosidade por estes textos.” Faço minhas suas preciosas palavras...

¹ UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina – Mestrado em Educação e Cultura. Bolsista do Programa de Monitoria em Pós-Graduação. Orientação: Professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha.

² ALBERCA, Manuel. Tres calas em los diarios de las adolescentes. In: _____. *La escritura invisible. Testimonios sobre el diario íntimo*. Madrid: Sendoa Editorial, 2000. p.153-186. p.156.

³ CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p.159-180. p.159

⁴ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor*. 4.ed. Veja/Passagens: Porto, 2000. p. 129-160. p.152

⁵ Ibid., p.135.

⁶ Ibid., p.146.

⁷ Ibid., p.141.

⁸ ALBERCA, op. cit., p.166.

⁹ RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Querido diário: agenda é mais moderno. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p.191- 201. p.193.

¹⁰ Idem.

¹¹ PERROT, Michelle. Práticas de memória feminina. *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 18, 1989. p. 09-18. p.13

¹² BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória. Ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.26.

¹³ O termo “diarista” é de origem espanhola e define aquele que escreve em diários, termo utilizado por Manuel Alberca, op. cit.

¹⁴ Termo usado baseando-se no título da obra “Refúgios do eu”, op. cit.

¹⁵ ALBERCA, op. cit., p.167.

¹⁶ Ibid., p.186.

¹⁷ Idem.